

Por Jorge Serrão, em 30 jun 2015

Temer já conta com aval de Levy e dos banqueiros para assumir o lugar de Dilma - o que interessa a Lula. O maçom inglês Michel Temer conspira, abertamente, para substituir Dilma Rousseff. Vazou no mercado financeiro que o vice-Presidente já fez uma consulta informal ao ministro da Fazenda, Joaquim Levy, pedindo que sondasse o humor dos banqueiros sobre tal "possibilidade". Temer já revela a amigos e aliados muito próximos que recebeu "sinal verde" da banca para assumir o Palácio do Planalto e contornar a crise política e econômica de magnitude imprevisível. Se Lula anda brincando de ser "Presidento", Temer não está para brincadeira...

Articulador político do governo, por imprudente delegação dada pela própria Dilma, Temer não apenas aposta que o desgaste da Presidenta é irreversível. Ele já sabe que seu desejo de assumir a titularidade da Presidência conta com o aval indiscreto de ninguém menos que Luiz Inácio Lula da Silva. O Presidento, que só pensa em 2018, também avalia que não dá mais para salvar Dilma. Por isso, trata de salvar a própria pele, mandando a militância de sua seita política promover o tal "enfrentamento político da Operação Lava Jato", enquanto torce por uma queda de Dilma, para voltar a fazer o que mais sabe: oposição.

Dilma já tem um motivo concreto para ser totalmente fritada pelo PT - que nunca acolheu, completamente, a brizolista histórica. A Presidenta cometeu o pecado mortal de mexer no bolso da petelândia. Os militantes que se abrigam em ONGs começaram ontem a trucidá-la nas redes sociais, a partir da informação de um corte no financiamento a 22 mil projetos tocados por organizações sociais. Como Dilma vai abalar os ganhos da turma do Terceiro Setor, ela se transforma em "inimiga mortal". Os afetados já articulam novas e criativas fórmulas de sustentação na entressafra da mesada oficial. Apesar disto, Dilma entra na lista negra.

A previsão é que nova versão do "Fora, Dilma" ganhe impulso pela conspiração de Temer, Lula e dos ongueiros da petelândia a partir do mês de agosto. Enquanto isso, quem conspira contra Dilma tem uma outra missão bem arriscada, mas que pode contar com a providencial ajuda da Procuradoria Geral da República e da Força Tarefa da Operação Lava Jato. Além de Dilma, o principal alvo a ser detonado é Eduardo Cunha. O presidente da Câmara dos Deputados é visto como o principal inimigo petista e também como o principal obstáculo não-declarado para Temer assumir a Presidência da República.

Os aliados-conspiradores pretendem fomentar o fogo da pretensa oposição tucana contra Dilma. Mesmo a contragosto, os tucanos engoliriam Temer no Palácio do Planalto. Afinal, poderiam manter a fachada oposicionista para a ainda distante briga de 2018 - que será marcada por uma luta interna no PSDB entre Geraldo Alckmin e Aécio Neves. Por isso, a prioridade a ser fomentada é o "Fora, Dilma". O movimento agendado nas redes sociais para o dia 16 de agosto receberá apoio e financiamento para colocar milhares (ou milhões) nas ruas pedindo a saída da Presidenta - que estará ainda mais desgastada pela insatisfação social com a crise econômica.

O cenário que os conspiradores políticos imaginam para a queda de Dilma tem duas possibilidades que convergem. A primeira seria um pedido formal de impeachment, em função de uma condenação pelo Tribunal de Contas da União, por causa da famosa pedalada fiscal. A segunda (um pouco mais complicada juridicamente) seria uma tentativa de impugnação da eleição de Dilma, em função do financiamento da campanha de 2014 com recursos ilegais obtidos pelo esquema de corrupção na Petrobras, conforme a delação premiada do empreiteiro Ricardo Pessoa.

A segunda hipótese, apesar de mais complicada que uma condenação por crime de responsabilidade pela pedalada, apavora tanto Dilma que a Presidenta passou recibo ontem, em Nova York. Foi primária a reação dela ao negar as acusações de repasses irregulares durante a sua campanha de reeleição: "Não aceito e jamais aceitarei que insinuem sobre mim ou a minha campanha qualquer irregularidade. Primeiro porque não houve. Segundo porque, se insinuam, alguns têm interesses políticos. Tem uma coisa que me acompanhou ao longo da vida. Em Minas, na escola, quando você aprende sobre a Inconfidência Mineira, tem um personagem que a gente não gosta porque as professoras nos ensinam a não gostar dele. Ele se chama Joaquim Silvério dos Reis, o delator. Eu não respeito delator".

Seria bom respeitar, Dilma... Até porque o empresário Ricardo Pessoa delatou que boa parte dos recursos, mesmo os declarados, repassados a políticos foi compensada por desvios de contratos com a Petrobras. Mesmo havendo registro das doações no TSE, isto seria considerado ilegal. Além disso, se a denúncia se comprovar, haveria corrupção, pelo fato de o empresário ser obrigado a doar para obter contratos. Outro crime seria o de lavagem de dinheiro, porque recursos da estatal poderiam ter sido drenados para doações de políticos do governo.

Dilma passou outro recibo de que o assunto a afeta demais, ao citar nominalmente o tucano

Aécio Neves. Foi patético o argumento de que, se ela recebeu R\$ 7,5 milhões da UTC no segundo turno da campanha presidencial de 2014, o candidato do PSDB também foi agraciado "com uma diferença muito pequena de valores". Psicologicamente, a perda Dilma tentou justificar um erro ou ilegalidade com a mesma moeda.

Pior ainda foi Dilma recorrer novamente à memória da tal ditadura militar, sempre que tem problemas políticos: "Tentaram me transformar numa delatora. A ditadura fazia isso com as pessoas presas. Eu garanto para vocês que eu resisti bravamente, até em alguns momentos fui mal interpretada, quando eu disse que em tortura a gente tem que resistir, porque senão você entrega seus presos. Então não respeito nenhuma fala. Agora, acho, para ser bem precisa, que a Justiça tem que pegar tudo o que ele disse e investigar, tudo, sem exceção. A Justiça, o Ministério Público, a Polícia Federal".

A hora da decisão nunca esteve tão próxima. Dilma é carta quase fora do baralho. O impasse institucional se agrava como nunca antes na história deste País. Os três poderes, altamente desgastados, batem cabeça. A maioria da sociedade, alarmada com a violência e afetada pela crise (que combina carestia, inflação e desemprego), aumenta a tensão e dá sinais de que pode perder a paciência a qualquer momento. A tendência é de conflito. A barbárie e o caos estão apenas começando. O desfecho no day after é imprevisível